

“A viagem que fiz à Índia em 2012, pouco depois do meu pai ter morrido, foi sem dúvida uma viagem muito importante. Foi um momento muito introspectivo na minha vida, uma altura em que cresci muito pessoalmente”

O que é preciso para ser um bom fotógrafo?

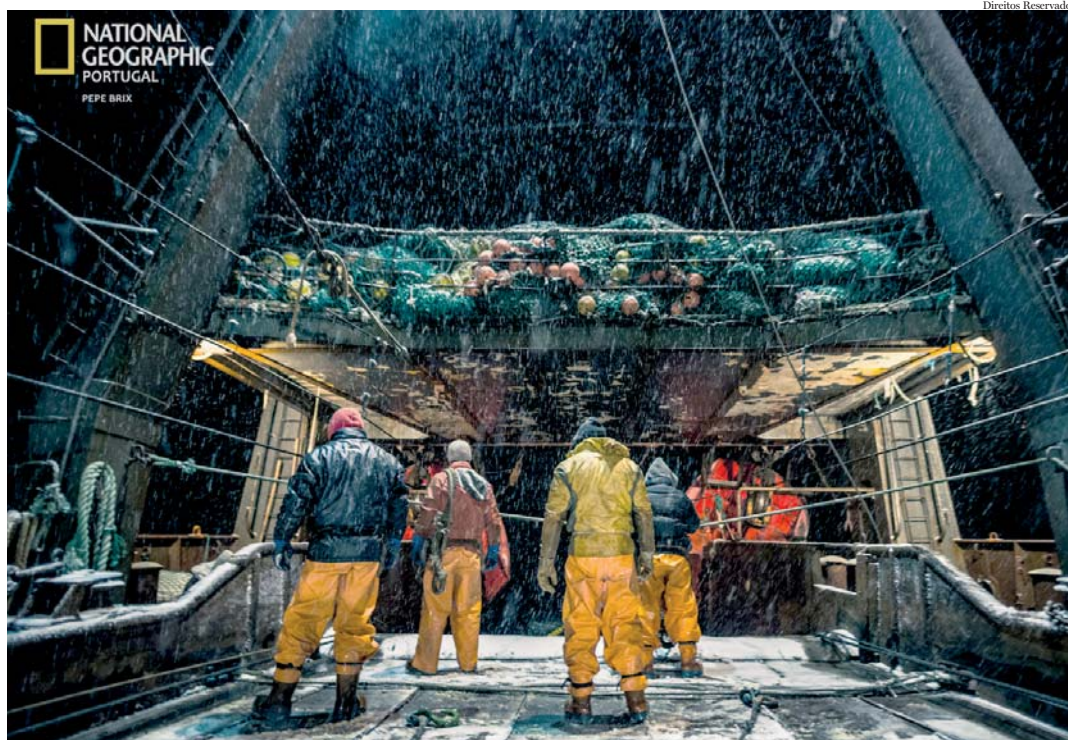
PB - Vai depender do que trabalho que se está a fazer. Na minha área, da fotografia documental, o que eu sinto é que os fotógrafos têm que estar muito ligados ao que estão a fotografar. É um pouco como diz o James Nachtwey: “Se a tua fotografia não é boa o suficiente é porque não estavas próximo o suficiente”. O que ele quer dizer com isso é que há um paralelismo entre a tua relação enquanto fotógrafo com o objecto da fotografia. Não temos que estar só fisicamente próximos, mas deve haver uma aproximação pessoal ao que estamos a fotografar. É esta proximidade a que Nachtwey se refere. Se conseguires uma boa relação com o que estás a fotografar, hás de ser sempre o melhor fotógrafo. A parte técnica é, na verdade, a menos importante.

O facto de teres crescido numa ilha como Santa Maria, com a proximidade maior entre a população, ajuda-te de alguma forma nos projectos que desenvolves?

PB - Acho que nós, ilhéus, temos todos uma capacidade especial para lidar com pessoas. Quem vive em meios mais pequenos – e nós estamos rodeados de mar a toda a volta – vive num ambiente de maior proximidade com as pessoas à sua volta, com tudo o que de bom e de mau isso implica. Pode haver tendência para as pessoas estarem demasiado na vida umas das outras, mas acho que isso até tem o seu lado positivo, pois mostra que as pessoas estão muito ligadas umas às outras. Obviamente que crescer num ambiente em que as pessoas são todas próximas umas das outras fez-me ganhar ferramentas ao longo da vida, que me permitiram tratar as pessoas de uma forma mais próxima, mais directa. Ganhamos coragem para olhar para as pessoas nos olhos, ganhamos capacidade de as enfrentar. Eu acho que isso nos meus trabalhos tem-me ajudado muito.

Que projectos tens neste momento entre mãos?

PB - Este ano estive a fazer um trabalho para o Município de Marvão, no Alto Alentejo, para um livro que vai ser lançado sobre o município. Estou a fazer também um trabalho sobre as Flores, em que durante três semanas, no final de Maio e princípios de Junho, estive em recolha fotográfica na ilha para um livro. O trabalho está ainda em fase de edição. Eu estou a fazer a parte fotográfica, o Paulo Ramalho a parte de investigação e textos e a Sandra Costa a parte gráfica do livro.



Direitos Reservados



Direitos Reservados



O trabalho está a dar-me um imenso gozo, porque o tempo que estive a fazer a recolha fotográfica foi uma altura muito rica. Fizemos muitas entrevistas, chegamos a pessoas muito interessantes e, para mim, é muito bom fazer este mergulho na cultura dos Açores e estar constantemente a fazer paralelismos entre aquilo que se vai passando em todo o arquipélago e a forma como, neste caso em particular, a devoção ao Espírito Santo ganhou contornos muito particulares no isolamento de cada ilha. Para mim está a ser uma grande descoberta. Estamos a apontar que o trabalho esteja pronto para ir para a gráfica até ao final do ano.

Ainda na passada semana inaugurei uma exposição em Santa Maria, que se chama “Sob o signo da abundância partilhada”, que conta também com textos de Paulo Ramalho e aborda as festas do Espírito Santo em Santa Maria. É um trabalho que mostra a complexidade do que é organizar uma cerimónia do género e também explica a origem do culto.

Gostarias de deixar alguma mensagem a propósito do Dia Mundial da Fotografia que amanhã se assinala?

PB - Há pouco falávamos da questão de haver cada vez mais fotógrafos e há medida que vão surgindo mais fotógrafos oiço muito o discurso de que nos falta trabalho. Mas o apelo que deixo para os que têm o gosto pela fotografia, o gosto pelas histórias das pessoas, é que façam por procurar estas histórias. Estejam atentos. Não faltam histórias para partilhar e a fotografia é uma forma de honrar as pessoas enquanto estão vivas. Por isso, o apelo que faço é que, de facto, haja mais espírito de iniciativa entre os fotógrafos e que não estejam à espera que lhes chegue um apoio daqui ou dali, ou que lhes chamem do jornal A ou do jornal B. Enquanto portador de uma ferramenta que pode transportar uma mensagem, que tenham espírito de iniciativa e autonomia para tomar decisões ao seu ritmo, sem contar com dependências de terceiros.

alexandranarciso@diariodosacores.pt